



N.º 100 — LISBOA, 8 DE DEZEMBRO

2.º ANO 1904

PARODIA COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 3º num. 12000 rs. || Brazil, anno 32 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 32 numeros.. 12800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

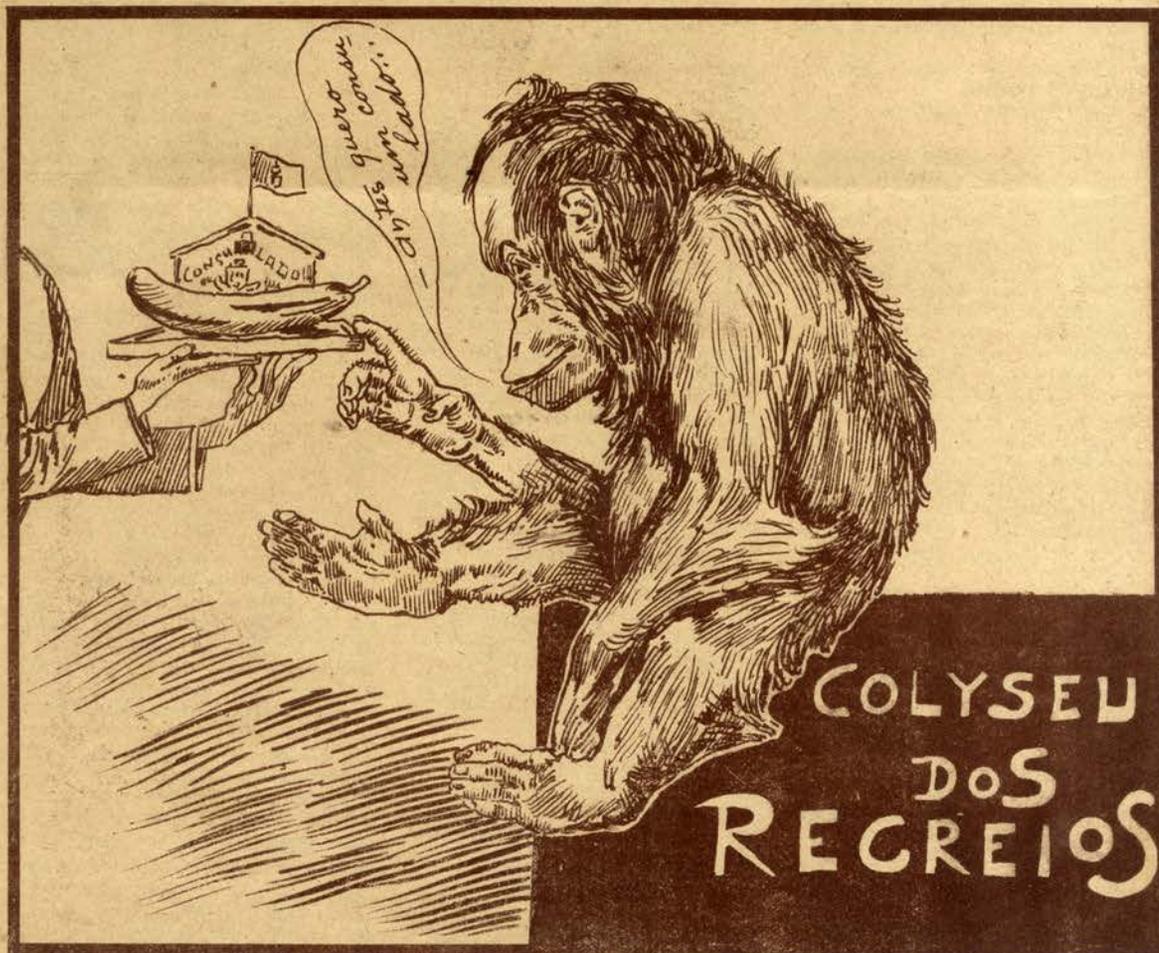
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

O «CONSUL» NO COLYSEU. OU UM NOVO CONSUL



Não se sabe que dar a este novo consul: se uma banana, se uma vaga.

PORTUGAL E A INGLATERRA, OU PORTUGAL E A FRANÇA

Entrevistado por um dos nossos jornalistas, actualmente em Londres, lord Selborne, que pelo nome não perca, paraphraseando a palavra de um vago imperador da Russia, o qual asseverou em remotos tempos, que o Montenegro era o unico Estado europeu verdadeiramente da França, affiançou, por sua vez, que o mesmo se pode dizer de Portugal com relação á Inglaterra.

Não sabemos que effeito de persuasão produziu entre nós a asseveração d'este magnate do Reino Unido.

Nós, por nossa parte, não ficamos persuadidos.

Que Portugal seja o unico Estado europeu verdadeiramente inglez, no ponto de vista politico, é talvez certo. Que elle o seja no ponto de vista nacional, eis o que negamos em absoluto.

Portugal, não é inglez senão em virtude de tratados.

Em virtude de sympathias, é francez.

Certo, ha portuguezes anglophilos, para os quaes a Inglaterra é o mais bello typo de civilisação, e que tudo admiram n'ella apaixonadamente. O geral dos portuguezes, no entanto, limitam a sua admiração pela Inglaterra a um certo numero de pequenas circumstancias episodicas de engrandecimento, taes como as libras sterlinas, os casacos impermeaveis, as botas de duas solas, o *roast-beef* e as galozhas. Sem odiarem a Inglaterra (pelo menos até ao ponto onde chegam as nossas averiguações superficiaes), os portuguezes não estabeleceram ainda com esse poderoso imperio, no decurso de tantos seculos de approximação, senão aridas relações de character politico e commercial.

Os portuguezes não estudam o inglez e, se o estudam, depressa o esquecem. Não visitam a Inglaterra senão muito de fugida, n'uma rapida viagem a Londres que faz todo o viajante que vae a Paris, para se inteirar de que Londres verdadeiramente existe, e poder mais tarde attestal-o. Desinteressam-se da sua expansão politica e do seu movimento litterario e artistico. Ignoram a sua historia. Ignoram os seus partidos e as suas crises ministeriaes. Não lêem os seus livros, as suas revistas e os seus jornaes. Não sabem os nomes dos seus artistas. Da sua litteratura conhecem—o *Hamlet*.

Não nos referimos, já se vê, ás classes populares.

Para essas, a Inglaterra só existe nos seus marinheiros embriagados e brigões, fortes bebedores de cerveja e jogadores de murro, e nos seus *touristes* de caricatura, magros e peraltas. Para essas, o inglez não é um estrangeiro: é o *bife*, e a mesma lingua ingleza—uma lingua de trapos.

Para o espirito das classes medias, a Inglaterra é uma força barbara, com a qual se trata, se negocia, se trafica, mas com a qual não se entra em relações pessoais, familiares, de intelligencia ou de affecto. Feito o negocio, portuguezes e inglezes separam-se friamente com duas palavras breves: *Good bye! All right!*

Só nas classes aristocraticas e na alta burguezia a Inglaterra tem verdadeiramente entrada. Mas como entra ella?—Entra na pessoa magra e loura das suas professoras e das suas *bonnies*, para ensinarem a preceito um inglez que, depois de aprendido, nunca mais se fala.

Assim, Portugal é o menos possivel inglez.

Vejamos agora até que ponto elle é francez.

Ninguem ignora que a Inglaterra entrou em Portugal, por assim dizer, com a monarchia. Já D. Fernando teve a ajuda dos inglezes. A casa d'Aviz teve-os por alliados. A casa de Bragança por socios. Portugal é politicamente inglez desde que se conhece.

A França, ao contrario, só muito tarde entrou na intimidade dos portuguezes. Pode dizer-se que foi a Revolução que a trouxe, com Napoleão. Mas—singular prestigio o d'essa nação atrahente!—a França invadindo-nos como inimigo, ficou vinculada a nós pelos mais fundos laços da amizade. Não conquistou Portugal, mas conquistou os portuguezes. Diz o historiador inglez Stephens e dizem-n'o outros auctores, que não citamos para não sobrearregar esta ligeira chronica com depoimentos eruditos, que Portugal foi politicamente, em mais de uma conjunctura da sua historia, uma provincia ingleza. Depois da invasão, moralmente, ficamos sendo uma provincia da França. Ah! ella ignora-o e não nol-o agradece, a ingrata França! Não importa! no ponto de vista da solidariedade moral e intellectual, no ponto de vista das ideas, no ponto de vista dos costumes, no ponto de vista dos mesmos caprichos, nós somos um departamento da França—um accrescimento á Gironde, um *post-scriptum* á Provença.

Dizer que o conhecimento da lingua franceza é o nosso forte, não é absolutamente exacto.—Esse conhecimento é o nosso fraco. Se de alguma coisa os portuguezes se orgulham é de possuírem esse idioma elegante.

Pelo conhecimento da lingua, entramos no conhecimento da civilisação, e não se conhece historia de uma paixão mais fulminante: a França entrou

como um raio, no character, na educação, nos costumes, na linguagem, nos habitos, na *toilette*, no gosto, no itinerario e no destino dos portuguezes.

Sustenta lord Selborne (se este é o seu nome) que Portugal é o unico Estado europeu verdadeiramente inglez. Até que ponto Portugal é um Estado europeu verdadeiramente francez, tudo o diz, desde as nossas idéas até aos nossos *menus*.

Nós pensamos á franceza, falamos á franceza, escrivemos á franceza. A nossa sintaxe é franceza. Graças á França, a lingua portugueza usa espartilho. Uma parte do nosso vocabulario é francez. Francez o vocabulario abstracto, francez o vocabulario concreto: nós andamos de *robe de chambre*, vamos a *soirées*, damos *rendez-vous*.

As nossas instituições liberaes são, como em toda a parte, inglezas, mas as nossas ideas são francezas. O mais monarchico dos portuguezes resignar-se-hia sem dór a uma republica de chapéu alto, do typo francez, meio opera, meio *vaudeville*, onde houvesse etiqueta como no Elyseu, e um jantar diplomatico todas as semanas. Somos conservadores, mas fazemos todos os esforços para não parecer reaccionarios e, mesmo grandes do reino, ministros, senadores, desembargadores, conselheiros, temos um arsinho revolucionario, por capricho francez. Vamos á missa, ouvimos o sermão, jejuamos, commungamos, mas somos voltairianos. Quando ha dias se falou em que a França ia separar a Egreja do Estado, mandamos logo vir amostras.

Ignoramos a historia de Inglaterra, mas conhecemos, como se fóra a nossa, a historia dos francezes. Qual de nós ouviu falar na *Grande Carta*, ou no *Bill dos Direitos*? Mas todos nós declamamos os *Direitos do Homem*. Qual de nós ouviu falar em Locke? Mas todos nós conhecemos, pelo menos d'ouvido—Montesquieu.

Da litteratura ingleza chega até nós pelo theatre—Shakespeare, com a sua collecção de feras. Mas é tudo. Só os eruditos conhecem o resto. E a arte, quem a conhece? Qual de nós ouviu falar em Lawrence, Reynolds, Gainsborough, qual? Da litteratura franceza, ao contrario, estamos penetrados até á medulla dos ossos. Apaixonamos-nos successivamente pelo romantismo, o naturalismo, o satanismo, o parnasianismo, o symbolismo e, finalmente, o collectivismo litterario. Qando as seitas politicas começaram a pôr em contribuição a litteratura franceza, immediatamente a arte socialista, vinda pelo *Sud-Express*, entrou pela estação do Rocio, e, *in continenti*, appareceram nas estantes dos livreiros novellas portuguezas em que marceneiros ly-

ros annunciavam o apocalypse social.

Não podendo importar a obra dos artistas, arruinamos-nos em illustrações, e assim, dia a dia, vamos conferindo o ultimo monumento, a ultima estatueta, o ultimo quadro, a ultima paysagem.

Lemos porventura os jornaes inglezes? Do *Times* crêmos que vem um unico exemplar para o *London and Brazilian Bank*. Mas, em troca, assignámos toda a imprensa de Paris, desde o archeologico *Journal des Débats* até aos mais desaforados semanarios de caricaturas, e, pela imprensa de Paris, estamos n'um contacto de todas as horas com a civilização franceza. Vamos aos seus theatros, assistimos ás suas primeiras representações, obtemos um logar na galeria da camara e gosamos os seus debates e aos seus conflictos, ouvimos concertos e conferencias, tomamos parte em manifestações de praça publica, acompanhamos os regimentos que saem para manobras, seguimos através das ruas a carruagem do presidente da Republica, mettemos o nariz nos conselhos de ministros, apostamos nas corridas de cavallos, verificamos a temperatura, a neve se neva, a chuva se chove e o annuncio certo da primavera nos castanheiros das Tulherias, commentamos o ultimo crime, deploramos o ultimo desastre, presenciamos com curiosidade o ultimo duello e com anxiedade o ultimo julgamento, interessamos-nos, commovemos-nos, apaixonamos-nos por esse espectáculo que está a centenas de leguas, como se elle estivesse ao pé da nossa porta e fosse o nosso ambiente. A influencia franceza em Portugal, é por tal fórma profunda e despótica que, quando arde uma casa em Paris, saem as bombas em Lisboa.

Affirmar depois d'isto, que Portugal é o unico Estado europeu verdadeiramente tributario de Inglaterra é, pelo menos, desnaturar factos.

No consorcio anglo-portuguez, como nos casamentos de conveniencia, a Inglaterra terá talvez o corpo, mas a alma pertence á França.

JOÃO RIMANSO.



Propõe-se a extradição

de uma pagina de História

Está em Lisboa um soldado servio que, servindo n'um regimento de Belgrado, ao tempo da revolução que trouxe a morte ao rei Alexandre e a sua mulher, tomou parte activa n'esse movimento, tendo mesmo ajudado, segundo elle refere, a empacotar n'uma mortalha equalitaria os corpos dos dois soberanos.

Porque caprichos do acaso veiu este comparsa de tragedia parar ás margens begninas do Tejo?

Os jornaes dizem que elle veiu a Lisboa, como *globe-trotter*.

Seja como fór, deixal-o partir como *globe-trotter* parece-nos desacertado.

Este homem é uma folha solta da Historia. Devia estar em livro, na sua competente numeração, encadernado em vitella e convenientemente posto a pé, n'uma estante envidraçada. Rasgou-se ou rasgaram-n'o. E' uma obra estragada — inutil para nós, preciosa para a Servia.

O ministerio dos negocios estrangeiros deveria, portanto, a nosso ver, propôr ao governo servio a sua extradição—n'uma pasta, afim de o recolher ao volume, onde deve estar fazendo immensa falta.



O pobre diabo

Diz-se por ahi; e eu creio
E sou capaz de affirmar,
Que o diabo não é tão feio
Como o costumam pintar.

Um homem sae da taberna,
Piza uma casca de nabo;
Escorrega, quebra a perna,
E logo diz:—Ora o diabo!

Outro mette-se no jogo,
Fica sem vintem; por fim,
Exaspera se e diz logo:
Anda o diabo atraz de mim!

Um qualquer casa uma filha
Que com esmero educou;
Se o marido sae pandilha,
Diz que o diabo a tentou.

Gordo agiota nababo,
Se empresta a pulhas crueis,
Brada: —levou-me o diabo
Uns tantos contos de réis!

O que quer vêr se enriquece,
E o contrabando o conforta,
Diz, quando o fisco apparece:
'Stava o diabo atraz da porta!

Gatuno, que acha delicia
Em metter ferro a taipaes,
Diz que o diabo da policia
E' vigilante de mais.

Ministro que á dura morte
Vota o caurim da nação,
Diz que ladra muito forte
Certo diabo de cão!

E diz, talvez, o que finge
Metter na roda travão:
Tem semelhanças de sphinge
O diabo do canzarrão!

Pobre diabo! Não socega...
E até diz *palavras feias*,
Por ser elle que carrega
Co'as culpas todas alheias!

SIMPLICIO.

O macaco • Consul

Depois que Caligula estabeleceu o precedente de conceder um cavalleto com o titulo de consul, ficou aberta a carreira consular aos irracionaes.

Exemplo palpitante: o macaco Consul.

Que habilitações tem elle?

Que titulo?

Que diploma?

Que bacharelato?

O macaco Consul é um diplomata de favor.

Não estudou, não se diplomou, não fez concurso, não foi classificado.

Foi nomeado por compadrio!

Verdadeiramente a sua nomeação foi um escandalo—na escala zoológica.

Eil-o consul.

De que paiz?

Outro escandalo.

O macaco Consul é um diplomata sempre com licença.

Nunca está no seu posto.

E' o typo do funcionario que não vac a repartição.

* * *

O macaco Consul veiu no *Sud-Express* e está hospedado no *Avenida Palace*, como o Kubelik e o Mounet Sully.

Tem elle um quarto com uma tabella de preços e casa de banho?

Dorme elle n'uma cama, com lençoes e um *edredon*?

Toca elle a campainha?

Chama o creado?

Pede a conta?

Pede o guia dos caminhos de ferro?

Se elle executa todos estes actos humanos e sociaes—o que pensar?

Este macaco copia abusivamente a sociedade e o homem.

Este macaco é um plagiario.



Oração á assorda

Assorda, que alho levas de mistura
E és de ternos *papás* doce esperanza,
Pois fazes engoruar muita creança
Quando és filha de pão sem serradura!

O velho, a quem manqueja a dentadura,
Sem medo contra ti, ditoso, avança;
E, alegre, ouve roncar dentro da pança
A tripa musical com mais bravura!

Todo o que almoça assorda, e assorda ceia,
Chegado aos oitenta annos, não arreja
Em verso... ou carregando a pau e corda!

E, se a patria não é de gente fatua,
Eu peço que tambem tenha uma estatueta
O sabio *gajo* que inventou a assorda.

No Olympo do theatro D. Amelia



Quando principia o inverno, o theatro D. Amelia é uma especie de Olympo: onde os deuses se renovam todas as semanas. Os dois ultimos foram aquelles que representamos na presente estampa, a titulo de legitima homenagem a dois authenticos genios artisticos: Kubelik—o genio da Musica e Mounet-Sully—o genio da Tragedia. N'este Olympo, Jupiter é o sr. visconde de S. Luiz de Braga.

LIGA CONTRA O TABACO

Acaba de se fundar em Guimarães, berço da monarchia, uma liga contra o tabaco.

Intitula-se *Sociedade anti-fumista de Guimarães* e acaba de enviar-nos os seus estatutos.

Estatutos?

Perfeitamente! Os seus estatutos.

Esta sociedade organisou-se com uma admiravel legalidade. Tem socios ordinarios, correspondentes e honorarios, como a Academia Real das Sciencias, uma direcção com o seu presidente, vice-presidente, dois secretarios e thesoureiro, uma assembléa geral, um livro d'actas, uma campanha, um continuo.

As pessoas que se filiam n'esta associação tomam o compromisso de não fumar. Quando, porém, fumem, obrigam-se a pagar a multa de 2:500 réis pela transgressão. E' por quanto sae um charuto extra-regulamentar. Inutil dizer que nenhum dos socios transgride.—Por 5:000 réis, o socio fica livre do seu compromisso.—Pode fumar á vontade no resto dos seus dias. O pacto com a liga de Guimarães está longe de ser um pacto com o Diabo.

Como se faz a admissão dos socios na nova Sociedade Anti-Fumista?

Pelo voto.

O socio promette não fumar.

A direcção vota o socio, depois de inquerito, isto é, tendo-lhe esquadrihado os bolsos, tendo verificado se no seu indicador e no seu medio existe a nodosa escura estygmatica dos fumadores e, finalmente, tendo-lhe reconhecido o halito.

Mas isto não basta e — diz o art. 5.º, capitulo III dos Estatutos: «Só pôde ser admittido socio quem offereça pela sua posição social, garantia de corresponder ao fim d'esta sociedade.»

Depois d'esta declaração, fomos ver a lista dos socios e encontramos o seguinte:

**Sociedade Anti-Fumista
de Guimarães**

PRESIDENCIA D'HONRA:

Sua Magestade El-Rei D. Carlos

Compreende-se que uma sociedade que começa por pedir aos seus socios posição social, se dirija aos individuos sociaes mais altamente collocados. O chefe do Estado vem muito naturalmente na cabeça da lista.

Afim de conciliar os principios da sociedade com o seu velho e indêlivel habito de fumar, Sua Magestade paga multa por cada charuto que accende.

E' uma verba para el-rei, mas é tambem uma rica fonte de receita para a Sociedade.

**A Immaculada Conceição
de Maria, ou o Estado em apuros**

A manifestação religiosa de hontem quinta-feira collocou o Estado n'um verdadeiro apuro.

Como se sabe, a religião do Estado é a catholica, mas, por outro lado, o Estado é liberal e o liberalismo é *tant Soit peu* voltairiano e livre pensador.

Quando a Igreja faz politica, como hontem, isto é, quando sae para a rua e manifesta, os livres pensadores saem tambem e então o Estado encontra-se diante da ameaça de um conflicto.

Foi o que succedeu hontem.

O que faz então o Estado?

Entre os principios ameaçados por um lado e a Ordem ameaçada por outro, o Estado deita as mãos á cabeça, revne o conselho de ministros, convoca o governador civil, chama ao telephone, põe as tropas de prevenção, grita pela policia e, no seu pânico — Estado catholico — prohiibe as manifestações da Igreja — Estado livre pensador — prohiibe as manifestações do livre-pensamento.

Consequencia lastimavel de uma lastimavel falta de firmeza de principios.

E' preciso ter coragem: ser catholico, ou ser livre-pensador — peixe ou carne.

Prohibindo as duas manifestações d'hontem, uma á Immaculada Conceição e outra ao Marquez de Pombal, o Estado não foi uma coisa, nem outra. O que ficou sendo?

Um policia, sem principios, e apenas encarregado de manter a Ordem, evitando conflictos e separando contendores.

O papel do Estado, assim comprehendido, parece-nos pouco sympathico.

Nós desejaríamos vêr o Estado patrocinar a Immaculada Conceição, ou perfilhar o Marquez de Pombal — uma das duas coisas, e não o vêr fingir-se indifferente a ambos, quando na realidade não o é.

Afim de formar uma sociedade forte, é preciso que o Estado dê o exemplo da força.

Um Estado pusillanime e hypocrita faz os cidadãos fracalhões e tartufos.

Não ter opiniões por commodidade é uma escola de dissolução.

Accionistas pintados

Na última assembléa geral da Companhia de Moçambique, o sr. Luciano Monteiro protestou que não era um accionista «pintado», o que levantou grande celeuma na assistência.

Não vemos, no entanto, motivo para tal. — Todos os accionistas de companhias fallidas são accionistas pintados.

E' este, pelo menos, o nome que se lhes dá.

GUITARRA DA PARODIA

NOTE

Eu amei com toda a força
Por fim, cheguei a cançar;
Quero agora ser amado,
Nem uma me quer amar.

GLOSA

Confesso-o do céu á face,
Nasci d'amor com a bossa;
(Não entrem a fazer troça,
Cada qual é como nasce.)
Por damas de baixa classe
Dei muito pulo de corça;
A outras, finas como alcorça,
Ergui além dos olympos;
E, pondo isto em pratos limpos,
Eu amei com toda a força.

Tive amores mais de cem
(Dou-lhes a minha palavra)
Desde a calçada do Lavra
Até chegar a Belem.
Pretinhas amei tambem
Para a paixão variar;
Eu cheguei mesmo embeijar
Co' uma zanaga menina...
Andei n'uma dirandina,
Por fim, cheguei a cançar.

Sim, senhor, não é palão,
Eu amei, como já disse,
Elevando á pieguice
Os furores da paixão.
Espero ter galardão
De tanto amor espalhado;
Bem vejo que estou cançado
Porque amor causa destroço...
Porém, como amar não posso,
Quero agora ser amado!

Com voz sonorosa e branda
Canto á guitarra cantigas,
Mas todas as raparigas
Viram a cara p'ra a banda!...
O demo atrás de mim anda,
Não faço senão chorar...
Vou-me deitar a afogar
Em vinho de Lava-Rabos,
Pois, com seiscentos diabos,
Nem uma me quer amar!

Estou aqui, estou morto
Por causa do amor patife...
O' Maria do olho torto,
Vê se me arranjias o bife.

VENANCIO.



Contradança

Os heroes desabaram dos andores;
E os que entram agora para a dança
Fizeram, radical, uma mudança
Nos illustres civis governadores.

Tinham fama de grandes sabedores
Os que d'antes faziam governança...
Mas hoje, bem pesados na balança,
Não prestam para nada aos senhores!

D'este modo de vêr, assim diverso,
A razão perguntei, sem pataratas
A um distincto prior com quem converso.

Elle disse que eu tinha cataratas...
E contou-me depois, em chulo verso,
A historia do Carneiro com Batatas.



Ouvreria e Relojoaria
 com officina annexa
 de fabrico e
 consertos

FLORENDO

JOIAS
 COM
 balbanicos
 PREÇOS
 Limitadissimos
 99, RUA AUREA, 99



ORTHOPEDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos
 DE **MANUEL MARTINS**
 FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
 154, Rua da Magdalena, 154-A
 (ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa



Peço a V. Ex. a fizeza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Companhia União Fabril
 Rua 24 de Julho, 940
LISBOA

Recompensas obtidas em 1904 pelos seus productos

EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS
 O Grand prix em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro em oleos e bagaços cumestiveis, Grupo 84

Uma medalha de prata em oleos não cumestiveis, Grupo 95

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DO PORTO
 O 1.º PREMIO
 Medalha d'ouro
 Diploma d'honra em velas, sabões, oleos, etc.

Óleos de Fajonites, Cocos, Linhaca, purgativa, medicinal e resinoso.

Sabões e Vela para iluminação de todas as qualidades.

Bagaços olegerinos e Turreanas alimentares para engordar e sustento de gado.

Adubos Chemicos e Massa de Purgueira para todas as culturas.

A LUVA VERDE Chiado, 29

Os operarios lueveiros em sociedade. Limitando-nos apenas a tirar as nossas feiras semanaes independente e o motivo pelo que podemos vender aos preços seguintes:

- Luvas de pellica, 1.ª, 3 botões..... 380
- » » Suede, 1.ª, 3 botões..... 350
- » » á inglesa, 1.ª..... 670
- » » » superior..... 750
- » Inglezas importadas..... 1.º050

A LUVA VERDE Chiado, 29

SOUZA MARTINS
 O livro **IN MEMORIAM**
 Grande volume de cerca de 600 paginas
 Colaboração de 55 distintos escriptores

Adornado com o retrato de **SOUZA MARTINS** e a reprodução «fac-simile» de uma carta inédita do grande homem de sciencia

A' VENDA
 Preço **2\$000 réis**

O producto da venda é applicado á compra de papéis de credito e o juro annual destinado a um premio que se ha de denominar **SOUZA MARTINS** e que será dado ao alumno mais distincto da Escola Medica de Lisboa

O resto dos volumes podem ser pedidos a

Casimiro José de Lima
 P. dos Restauradores, 38
 LISBOA

SORTE GRANDE

Vendida em cautelas da firma **João Candido da Silva**

Na loteria de 3 de dezembro
7197..... 12:000\$000

O bilhete da sorte grande foi sub-dividido em 3 caules de 200 réis, 24 de 100 réis e 60 de 50 réis.

PREMIOS MAIORES vendidos n'esta casa na loteria de 3, foram:

7197.....	12:000\$000
2997.....	400\$000
7196.....	120\$000
7198.....	120\$000
170.....	100\$000
671.....	100\$000
757.....	100\$000
2300.....	100\$000
6940.....	100\$000

A proxima extracção terá lugar a 22 de dezembro

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000
 Sobretudo da moda de 6\$000 a 25\$000
 Gabões para senhoras e meninas de 4\$500 a 45\$000 réis.

CASA DAS TESOURAS
 51 -- R. da Escola Polytechnica -- 55

Premio Maior
Réis 150:000\$000

Bilhetes a 60\$000 réis e vigesimos a 3\$000 réis.
 Cautelas a 2\$100, 1\$600, 1\$100, 550, 330, 220, 110 e 60 réis.
 Duzenas de 1\$100 e 600 réis

Todos os pedidos dirigidos á casa

João Candido da Silva
 195—Rua do Ouro—198

UM CONSELHO D'AMIGO

Uzae, se soffreis de qualquer das doencas abaixo innumeradas, o depurativo **Dias Amado** esse preparado cujos effectos tem assombrado milhares de doentes condemnados a soffrerem eternamente. Para que vos fique desde logo a convicção intima de que estaes em presença do unico remedio que vos pode garantir uma cura e consequentemente a tranquillidade do vosso espirito e do de todos os membros da vossa familia—uzae como experiencia, apenas 3 frascos, que elles serão sufficientes para que encontreis o caminho rapido e certo do restabelecimento Garantimos a vossa cura nas seguintes doencas: Utero e ovarios, tumores rheumatismo, syphilis, chagas, escrofulas, olhos, feridas e diabetes e em todas que provenham de impureza de sangue.

Deposito Geral—Pharmacia Ultramarina
RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA
 Preço de cada frasco, 1\$000 réis

CHARUTEIRAS

Cigarreiras, tabaqueiras, boquilhas, cachimbos, etc.

Artigos de papelaria, publicações, aguas e jornaes.

Variado sortimento em bilhetes postaes illustrados.

Tabacos nacionaes e estrangeiros, das melhores procedencias.

55, L. do Conde Barão, 55—Lisboa

TOSSES

Curam-se com as pastilhas peitoraes do Dr. Cruz. Preço de caixa 300 réis.

FRIEIRAS

Curam-se com o balsamo de Warrem composto. Preço do frasco 300 réis.

CALLOS

Extraem-se com o callicida de Cyrino. Preço do frasco, 200 réis.
 Pharmacia C. da Silva. R do Diario de Noticias, 113, Lisboa.

FRANÇA E PORTUGAL

(A propósito da Immaculada Conceição)



COMBES—Onde vae vossê com tanta pressa?

VILLAÇA—Vou inaugurar uma igreja.

COMBES—Homem! Nós estamos a deital-as abaixo !...